MULHER: AS RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA PRESENTES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Hilda Rodrigues da COSTA (UFG/UEG)[1]

Sinval Martins de SOUSA FILHO (UFG)[2]

GT11 - Linguagem, Discurso e Identidades

Resumo

Ser mulher em uma sociedade patriarcal, que a considera ainda um ser inferiror, implica, ainda nos dias de hoje, a imposição de modelos normatizadores presentes no imaginário social que aprisionam, vigiam, punem aquelas que resistem as normas de conduta que buscam re-naturalizar os pápeis sociais. Esta comunicação pretende discutir as relações de poder e resistência presentes na sociedade contemporânea, que insistem em demarcar a posição da mulher, por meio de enunciados que permanecem ancorados no imaginário social. Estes enunciados, por sua vez, buscam delimitar a atividade e a importância da mulher no tempo e no espaço, por meio de densas redes discursivas. Para compreendermos como os enunciados são construídos, ou melhor são constituídos por relações, em que os conceitos de descontinuidade, ruptura, limiares, limites, séries, transformações ao serem aplicados envolvem questões de procedimento, bem como problemas teóricos ao se fazer uma análise histórica de um determinado discurso, em uma determinada época, teremos como aporte teórico-metodológico a obra *A arqueologia do saber*, de Michel Foucault. Pois, ao tecer uma trama discursiva faz-se emergir regimes de práticas, de condutas, de diferentes efeitos de verdade. Daí a necessidade de olhar para estes saberes cristalizados pela sociedade patriarcal e questionar as constelações de sentidos, nas quais se constroem e se representam a mulher. Para exemplificarmos a emergência de determinados enunciados que buscam a desestabilização dos mecanismos de poder, apresentaremos os enunciados presentes na capa e na entrevista da revista Época, edição 909, de 2015. Nossa análise terá como embasamento teórico as obras de Dreyfus & Rabinow (1995), Foucault (2004, 2005, 2007, 2014), Gregolin (2004),Rago (1998, 2014), Sampaio (2006), dentre outros.

Palavras-chave: mulher; sociedade; relações de poder; resistência.

Introdução

[1] Hilda RODRIGUES DA COSTA, doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás – UFG, professora na Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Inhumas e professora da educação básica da Secretaria Municipal de Goiânia – Goiás. Email: hildardacosta@gmail.com

[2] Sinval Martins de SOUSA FILHO, doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Professor Associado da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás – UFG. Email:sinvalfilho7@gmail.com

Ao tentarmos delinear o caminho percorrido pela mulher na busca pela igualdade de direitos em uma sociedade constituída discursivamente como patriarcal, nos deparamos com práticas discursivas que levam a imposição de modelos normatizadores, capazes de aprisionar, vigiar e punir "a mulher" que resiste as normas de conduta, já que ser mulher e ser feminina são conceitos que permanecem ancorados no imaginário social que os traduz, segundo Swain (2011, p. 02), "em trejeitos e modelos normatizadores que interinam a re-naturalização dos papeis sociais". Esse assujeitamento ao recato, às normas de beleza e de sedução norteiam o destino desta mulher enquanto ser inferior, delimitando sua importância no tempo e no espaço, por meio de densas redes discursivas, emergindo assim, regimes de visibilidade em uma sociedade de controle capaz de produzir diferentes efeitos de verdade quanto a presença do ser "mulher" nas práticas discursivas que foram construídas no decorrer da história da humanidade.

Tendo esse delineamento como norte, a presente comunicação tem por objetivo descrever, ainda que de maneira sucinta, três enunciados que foram coletados na revista Época, edição 909, de 2015, os quais fazem parte do escopo de nossa pesquisa de doutoramento. O primeiro refere-se a capa da revista "A primavera das mulheres – As mulheres tomam as ruas e as redes sociais e criam um movimento que agita o país"; já os dois últimos pertencem ao corpo do texto da entrevista feita com diversas mulheres sobre o movimento feminista: "Hoje a feminista está no cotidiano, não é mais aquela com o sutiã na mão, como era vista antigamente (diz a antropóloga Debora Diniz, professora da UnB)" e "O feminismo ficou pop" (como diz a historiadora Margareth Rago, da Universidade de Campinas). Ao descrevermos estes enunciados, buscaremos considerar suas condições de emergência, as relações discursivas, os espaços institucionais e as condições de produção que os engendra.

Nesse sentido, embasamo-nos no pensamento de Michel Foucault, tendo como aporte teórico-metodológico a obra *A arqueologia do saber*, pois os enunciados são construídos, ou melhor, são constituídos por relações, em que os conceitos de descontinuidade, ruptura, limiares, limites, séries, transformações ao serem aplicados envolverão questões de procedimento, bem como problemas teóricos ao se fazer uma análise histórica de um determinado discurso, em uma determinada época.

Foucault (2005) tem como princípio estudar não o discurso pronto, acabado, mas as suas condições de produção. O método arqueológico permitirá analisar redes que envolvem discursos, saberes, acontecimentos, práticas discursivas, dentre outros domínios. Este método arqueológico, como a arqueologia tradicional, envolve a escavação, a restauração e a exposição, não de achados históricos, mas de discursos, tendo como objetivo avistar a positividade do saber em um determinado momento histórico.

Segundo Gregolin (2004, p.91), "toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva comunica-se pela forma de positividade de seus discursos, pois ela desenvolve um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos". Esta positividade é que irá desempenhar o papel, o qual Foucault denomina, de *a priori histórico* – o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva em um certo espaço e tempo - observando as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros enunciados, a sua forma específica de ser, seus princípios, segundo os quais se mantem, se transformam e deixam de existir.

E é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que iremos observar como as relações discursivas são formadas por uma rede de enunciados que envolvem um saber-poder capaz de conduzir o indivíduo por meio de práticas discursivas institucionalizadas.

Nesse sentido, Dreyfus & Rabinow (1995, p. 243-244) afirmam que

> a "conduta" é, ao mesmo tempo, o ato de "conduzir os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício de poder consiste em "conduzir condutas" e em ordenar probabilidades. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do "governo".

Vimos, portanto, que o exercício de conduzir só pode ser exercido sobre sujeitos livres, "sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de se um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer" (DREYFUS & RABINOW,1995, p. 244).

Essa condução do sujeito individual ou coletivo nas sociedades fez com que

emergissem discursos capazes de nortear a vida e o destino da mulher, delimitando suas atividades e sua importância, governando a "vontade de ser mulher", seus desejos, suas obrigações, destituindo-a de seus direitos e instituindo um saber autorizado por meio de ideologias e estratégias políticas que categorizam o gênero no processo de produção do corpo ao longo da história.

E são justamente essas práticas discursivas cristalizadas por saberes que devem ser questionadas, pois a representatividade do ser "mulher" não está reduzida a um objeto pronto e acabado, destinado a atender as necessidades de uma sociedade patriarcal, que ainda teima em mantê-la em seu "lugar". A identidade da mulher é movente, é fluída, é incerta, capaz de mudar a ordem das coisas, capaz de mudar a ordem do discurso.

Portanto, nosso objeto de estudo na presente comunicação será a "mulher" como um dos elementos de regularidade discursiva. Ao recortar esse tema, objetivamos compreender como se materializa o processo de subjetivação que desencadeia a produção de verdades.

Mulher: as relações de poder e resistência presentes na sociedade contemporânea

A mulher contemporânea é aquela que luta pelo seu espaço, pela sua dignidade como ser humano na esfera pública, que resiste ao silenciamento, apesar das dificuldades, dos obstáculos impostos pela sociedade machista e sexista. Lentamente, ela vem ganhando voz, independente de cor, raça ou posição social. Para exemplificarmos como o discurso de resistência da mulher emerge na mídia apresentamos, a seguir, a capa da revista Época , edição 909, de 2015.

Na capa da revista temos o enunciado “A primavera das mulheres – As mulheres tomam as ruas e as redes sociais e criam um movimento que agita o país”. De imediato, podemos observar que este enunciado remete a um já-dito. A presença deste enunciado inibe a emergência de outro enunciado em seu lugar, pois ele ocupa um lugar que é só dele e deve ser analisado em seu valor, em sua exterioridade, como afirma Foucault (2007).

Este enunciado representa um feixe de práticas discursivas, capaz de “delinear o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse [...]” (FOUCAULT, 2007, p. 83). Este mesmo sistema de regras ao ser empregado propicia “mudanças em outros discursos (em outras práticas, nas instituições, nas relações sociais, nos processos econômicos)” para que pudesse ser transcrito “no interior de um discurso dado, constituindo assim um novo objeto, suscitando uma nova estratégia, dando lugar a novas enunciações ou conceitos.”(FOUCAULT, 2007, p. 83). Pois, de acordo com Foucault (2007, p. 83)

> Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais: coloca o princípio da articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de

> acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

Assim, podemos observar que a revista ao formular este enunciado, "A primavera das mulheres – As mulheres tomam as ruas e as redes sociais e criam um movimento que agita o país", fez emergir enunciados que reverberam acontecimentos passados, e que tiveram grande repercussão mundial como a "Primavera Árabe" ocorrida no final de 2010[3], no sentido de dar a mesma importância ao movimento feminista que saiu às ruas para evocar seus direitos diante da repressão e da censura imposta pela sociedade patriarcal.

Segundo Foucault (2007, p.119),

> [...], o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em rede, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se a paga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação o de rivalidade.

As mulheres do século XXI, de todas as idades e gerações, não estão mais dispostas a silenciar-se diante das agressões (psicológicas ou físicas). O silêncio vem sendo quebrado com uma onda de protestos femininos diante da barbárie, rompendo discursos cristalizados pelas instituições sociais que ainda insistem em dizer que lugar de mulher é na cozinha, no lar, velando pelo bem-estar da família. O que não é verdade, seu espaço não é mais delimitado ou, melhor dizendo, demarcado pelos discursos autorizados pelas instituições que elegem as normas de conduta de uma sociedade patriarcal. Ela, a mulher do século XXI, busca romper com estas formações discursivas cristalizadas pela história. Ela é sujeito do enunciado, capaz de produzir diferentes efeitos de verdade, na busca pela igualdade de direitos.

A revista também traz em suas entrevistas novos enunciados como "Hoje a feminista está no cotidiano, não é mais aquela com o sutiã na mão, como era vista antigamente (diz a antropóloga Debora Diniz, professora da UnB)" e "O feminismo ficou pop (como diz a

[3] A primavera árabe foi uma onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África. Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil como: greves, manifestações, passeatas, uso das mídias sociais, como facebook, twitter e youtube no sentido de sensibilizar a população em face das tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados. Fonte: wikepédia, acesso em maio de 2017.

historiadora Margareth Rago da Universidade de Campinas)". Estes enunciados reatualizam enunciados do século passado, momento em que as mulheres saíram, em pequenos grupos, às ruas para reivindicar o direito ao voto, ao mercado de trabalho, ao uso da pílula anticoncepcional, e à quebra de padrões estéticos e a possibilidade do amor livre. A feminista de hoje é a mulher comum, popular, que busca seu espaço, impondo direções inesperadas, evocando práticas diversas e entrecruzando efeitos de verdades na busca por novos saberes, sem desconsiderar a heterogeneidade discursiva nas relações de saber/poder.

Segundo Rago (1998, p. 3), "[...] as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina", que por anos ficou às margens da sociedade. O que resultou na produção de um contradiscurso de resistência, que veio provocar profundas mutações sociais, inclusive na produção do conhecimento científico, nos séculos XX e XXI. E é este contradiscurso de resistência que será capaz de promover rupturas tanto no campo midiático como no campo social, modificando, agregando, excluindo posicionamentos quanto à construção de um saber-poder, por meio de formações discursivas.

Foucault (2007, p. 49) afirma que

> uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Portanto, ao descrever um determinado grupo de enunciados pela regularidade de uma prática, estaremos delineando um sistema de regras que propiciaram a constituição de determinado enunciado e não outro em seu lugar. Esta análise discursiva, por sua vez, tem como princípio,

> compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui". (FOUCAULT, 2007, p. 31)

Assim, o enunciado por mais usual, por mais insignificante que seja, após o seu surgimento está na ordem do discurso e será "sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente"(FOUCAULT, 2007, p. 31)[4].

Nesse sentido, segundo Foucault (2005, p. 350),

> O que é preciso apreender é em que medida o que sabemos, as formas de poder que aí se exercem e a experiência que fazemos de nós mesmos constituem apenas figuras históricas determinadas por uma certa forma de problematização, que definiu objetos, regras de ação, modos de relação consigo mesmo.

Destacamos que o século XX foi um período efervescente no campo da cultura e das transformações sociais, das inovações tecnológicas, dos regimes disciplinares. O que acabou redefinindo o "novo trabalhador como objeto de investimento do poder" (RAGO, 2014, p. 34) em nome do progresso social. Nesse período, a mulher conquista um certo espaço no mundo do trabalho operário, mesmo marginalizada pela sociedade resiste a esse exercício de poder, no qual a mulher não tem espaço, nem voz, nem direitos e passa a lutar por melhores condições de vida. E se depara com a falta de apoio, com a desigualdade de gênero, com a violência moral e sexual, presentes no ambiente das fábricas. Sua presença ali é contestada e vista como ameaça ao mundo do trabalho masculino, justamente por executar as mesmas tarefas com salários menores; ela é apontada como a fonte dos problemas no ambiente fabril, como promíscua; ela passa a ser vigiada e desacreditada perante a sociedade da época.

A imposição de comportamentos padronizados, a higienização, a normalização do outro e a resistência cotidiana criada pela combatividade operária são fatores que motivaram a investida do poder sobre a classe operária, dentro e fora das paredes das fábrica, redefinindo

[4] Segundo Foucault (2007, p. 65), "Os elementos que nos propomos a analisar são bastante heterogêneos. Alguns constituem regras de construção formal; outros, hábitos retóricos; alguns definem a configuração interna de um texto; outros, os modos de relação e de interferência entre textos diferentes; alguns são características de uma época determinada, outros tem uma origem longínqua e um alcance cronológico muito grande. Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros: a maneira, por exemplo, pela qual a disposição das descrições ou das narrações está ligada às técnicas de reescrita; a maneira pela qual o campo de memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto; a maneira pela qual estão ligados os modos de aproximação e de desenvolvimento dos enunciados e os modos de crítica, de comentários, de interpretação de enunciados já formulados, etc. E nesse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual."

as relações familiares e promovendo “um novo modelo de mulher, voltada para o lar”, honesta, “de vida regrada e dessexuada” (RAGO, 2014, p. 44).

Essas vozes vão questionar estas relações de poder que insistem numa representação simbólica de mulher – esposa-mãe-dona-de-casa – que restringem seu espaço ao ambiente familiar. E vão defender sua participação ativa no mundo do trabalho, bem como sua presença nos espaços públicos.

A luta da mulher pela liberdade, pelo reconhecimento, pela assistência social está agora cerceada por um poder disciplinador que determina suas opções e condutas no campo de atuação fora e dentro do lar. Pois, se de um lado ela é proibida de exercer sua liberdade aos olhos do homem machista, do outro, o discurso anarquista, assume uma posição protetora da mulher, porém, sem desmistificar a “figura frágil” que é colocada pelo discurso do poder.

Segundo Foucault (1979, p. 234),

> durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. “Vocês são apenas o seu sexo”, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. “Vocês são a doença do homem”. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência.

Podemos observar que no discurso do médico-sanitarista (discurso científico), somado aos discursos masculinos e normativos dos poderes públicos, das industrias e dos movimentos operários do final do século XIX, reforça a ideia da figura “guardiã do lar”, sua vocação natural para procriação, incentivando a prática da amamentação, a valorização do papel materno, a higienização do lar. E, acima de tudo, o cumprimento de suas obrigações conjugais, para que o marido não busque a prostituta.

Dessa forma, os efeitos de poder e a produção de verdades sobre a mulher foram se constituindo na sociedade burguesa, negligenciando determinados discursos e construindo proibições morais e éticas difundidas, principalmente pelas instituições religiosa quanto a sexualidade.

Tais efeitos de poder levaram as vozes femininas silenciadas no passado a se levantarem e travarem batalhas, por meio dos movimentos feministas, que ainda hoje resistem as formações discursivas que foram constituída ao longo da história e que insistem em

permanecer como efeitos de verdade.

Vale ressaltar que o conceito foucaultiano de resistência se difere por completo do conceito tradicional de resistência, pois, ela não é nem substância, nem matéria, "não é imagem invertida do poder ou seu negativo. Não se posiciona fora das relações de poder; ao contrário, lhes é coextensiva e contemporânea" (SAMPAIO, 2006, p.16).

Segundo Sampaio (2006, p.16), as estratégias de resistência para Foucault,

> Não se definem apenas pelo seu caráter antiautoritário, todavia, por várias outras particularidades: (1) são transversais, (2) objetivam atingir os efeitos de poder, (3) são imediatas e, principalmente, (4) colocam em xeque o estatuto do indivíduo e (5) se opõem aos efeitos do poder relacionados ao saber; enfim, (6) remetem à questão: quem somos nós? (FOUCAULT, 1995, p. 234-235).

Portanto, a resistência não pode ser atribuída a um tipo de governo ou um modelo econômico, mesmo atravessando os "diferentes espaços do globo e suas diversas constituições políticas e econômicas. Essas lutas são imediatas porque atingem o foro do poder mais próximo aos indivíduos "(SAMPAIO, 2006, p. 16). O objetivo do processo de resistência é a desestabilização contínua dos mecanismos de poder individualizantes, que tem por objetivo a condução dos indivíduos.

E é exatamente esta desestabilização dos mecanismos de poder que podemos observar nos enunciados presentes na capa e na entrevista das professoras Debora Diniz e Margareth Rago na revista Época de 2015.

Considerações finais

A luta pela emancipação das mulheres em busca de um mundo melhor, mais igualitário, justo e livre, ainda está longe do fim. Podemos afirmar, parafraseando Foucault (2014), que não há relação de poder sem resistência e que a luta da mulher contemporânea só está começando. Pois, a obediência e a normatização impostas pela sociedade, por meio das relações de poder, refletem cotidianamente nos lares, nas empresas, nas ruas o que é ser mulher em uma sociedade machista e sexista.

Embora a história da humanidade retrate apenas um viés dos acontecimentos e

determinadas formações discursivas, ela pode sim nos fazer pensar. São as lucunas dessa história que nos excita a reflexão sobre o hoje, sobre a liberdade "vigiada", a qual somos submetidos pelas relações de poder. Pois, as mulheres, muitas vezes, não têm o livre-arbítrio nem de suas vontades, quando são exteriorizadas.

O que nos leva a crer que os discursos, assim como os silêncios, podem ser instrumentos e efeitos de poder, e também obstáculo, ponto de resistência. Para Foucault (2014, p.110), "o discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo."

Se olharmos por este prisma, a transformação radical da condição da mulher, segundo Rago (2014, p. 134), "só será possível numa outra organização da sociedade", capaz de assegurar a integridade não apenas da mulher, mas dos indivíduos que vivem à margem desta sociedade contemporânea.

É preciso lutar por políticas públicas mais efetivas, é preciso acabar com a violência contra a mulher, independente de religião, de cultura e de posição social. Portanto, devemos resistir para exirgirmos efetivamente nossos direitos sem restrições, transformando o mundo, tendo direito a ser o que quisermos ser.

Referências

BANDEIRA, L. A violência doméstica: uma fratura social nas relações vivenciadas entre homens e mulheres. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado:** uma década de mudanças de opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

FOUCAULT, M. Não ao sexo do rei. In: **Microfísica do poder**. MACHADO. R. (org.), Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

_____. **A ordem do discurso**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. O que são as luzes? In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. 2 ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. Foucault. In: **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. 2 ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A arqueologia do saber**; trad. NEVES, L. 7. ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2007.
_____. **História da sexualidade** I: A vontade de saber. (trad.) ALBUQUERQUE, M. T. C e ALBUQUERQUE, J.A.G. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade II:** O uso dos prazeres. (trad.) ALBUQUERQUE, M. T. C. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade I:** O cuidado de si. (trad.) ALBUQUERQUE, M. T. C e ALBUQUERQUE, J.A.G. 1. ed. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

RAGO, M. **Epistemologia feminista, gênero e história.** Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis-SC: Mulheres, 1998. (http:// projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf). Acesso em 03/04/2016.

_____. **Do cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar**, 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SAMPAIO, S. S. **Foucault e a resistência.** Goiânia: UFG, 2006.

SWAIN, T. N. **Figuras de mulher em Simone de Beauvoir:** a mãe, a prostituta, a lésbica. 2011. Disponível em: http://feminismo.org.br/figuras-de-mulher-em-simone-de-beauvoir-a-mae-a-prostituta-a-lesbica/ Acesso em 24.04.2016.